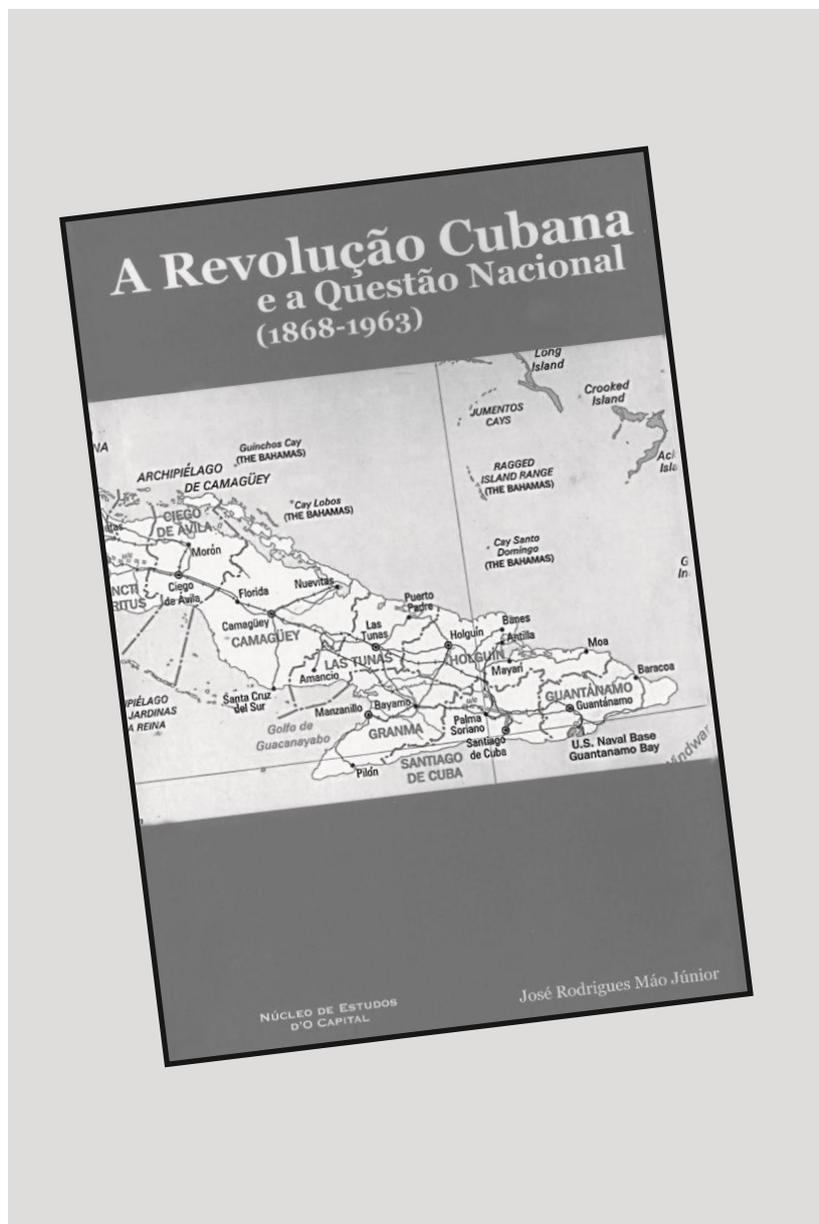


## RESENHA: A REVOLUÇÃO CUBANA E A QUESTÃO NACIONAL

Review: The Cuban Revolution and the National Question

Marisa de **OLIVEIRA** (Bacharel em Letras e Mestre em História Social – USP, São Paulo, Brasil)

A Revolução Cubana e a questão nacional foi publicado pelo Núcleo de Estudos d'O Capital. Segundo o próprio autor (José Mão Jr) declara, à página 167, o Núcleo é uma organização marxista, voltada para o estudo e a divulgação do marxismo.



Se o Núcleo de Estudos a que Mão pertence tem essa tarefa, a dele especificamente, e de todos que de alguma forma participaram neste livro, é voltar-se para o estudo e a divulgação da Revolução Cubana.

Que ninguém duvide que Mão estudou a Revolução Cubana. Tamanha firmeza de propósito levou-o a retroceder até 1868, ano em que começa a primeira grande guerra de independência cubana; a estudar todos os mais importantes episódios, sobretudo de confronto entre forças grosso modo revolucionárias e reacionárias até 1959 e além, analisando cada um deles detida e criteriosamente.

Delineou a composição social de Cuba antes e depois da “república intervenida” e do período de 1934 a 1959 (as balizas são minhas, só para não ter de entrar em detalhes que não caberiam nesta fala), explicou como funcionavam as relações políticas e econômicas entre essa burguesia “agregada” (a que o Florestan Fernandes chama de “compradora”, porque grosso modo ela se contentou com o papel de gerente dos negócios estadunidenses em Cuba) e os verdadeiros proprietários dos meios de produção e donos do jogo político. Tudo com a sobriedade do militante que procura fazer um trabalho de pesquisa rigoroso, porque ser militante, nesta circunstância, é mostrar com seriedade como de fato funcionava o país onde eclodiu uma das revoluções sociais mais radicais das Américas.

Em paralelo Mao vai discorrendo sobre as inúmeras entidades e movimentos revolucionários que confrontam esse estado de coisas, norteados por um sentimento nacionalista que, para honrar essa designação, tinha de necessariamente ser antiimperialista.

Numa dessas passagens eu encontrei as páginas dedicadas a Carlos Baliño.

Espero não estar sendo injusta, mas não me lembro de em outro livro da boa bibliografia cubana um autor ter dado tanta atenção ao Baliño, militante digno de nota, embora não seja o mais celebrado.

Sabemos que o grande ídolo cubano de todas as gerações de revolucionários é José Martí, conhecido, em poucas palavras (o Martí em si deve render um livro maior do que este) por seu radicalismo coerente no que se referia à independência de Cuba. Isso é sério, porque mesmo militantes progressistas e bem-intencionados da segunda metade do século XIX tinham dúvidas acerca de se Cuba poderia ir para o futuro sendo totalmente independente. Li em um historiador muito sério, um pouco ressentido com a Revolução mas jamais partidário dos Estados Unidos ou simpático a teorias anexionistas, que foi provado que personagens importantes da guerra de independência de 1868, como Ignacio Agramonte, não descartavam a possibilidade de aceitar a anexação de Cuba aos Estados Unidos (até porque, naquela guerra, esta não era a questão mais candente). O historiador em questão é Manuel Moreno Friginals, autor do grandioso O Engenho. Ele comenta isso em sua última obra, intitulada Cuba-Espanha, Espanha-Cuba: história comum, em que defende a tese de que em Cuba, no calor da luta independentista, jamais as raízes espanholas foram rechaçadas; que o cubano foi exemplar ao se limitar a recusar a dominação política e econômica espanhola (mais política do que econômica, na verdade) sem no entanto iniciar uma cultura de ódio contra a pátria de seus ascendentes, muitas vezes de seus pais (caso do Martí, filho de mãe canária e pai valenciano).

Mas voltemos ao Baliño, que foi militante no Partido Revolucionário Cubano e companheiro próximo, interlocutor freqüente, de José Martí.

Martí foi morto nem dois meses depois de deflagrada a segunda guerra de independência, conhecida como hispano-cubana (e depois hispano-americana), tantos outros sobreviveram, entre os quais Baliño.

E na bibliografia a que já me referi voltamos a ouvir falar em Baliño porque ele é um dos fundadores do primeiro partido comunista de Cuba, de 1925. Aos 78 anos ele se aliou a Julio Antonio Mella, militante do movimento estudantil de apenas 25 anos de idade, para fundar esse partido.

É de se supor que Mella não passou a ser martiano porque se juntou com um dos colaboradores mais próximos do grande herói cubano - até porque Mella, no ano da fundação do partido, já era um militante conhecido nos círculos antiimperialistas cubanos. Mas convido todos a imaginar o que pode representar essa associação de Baliño a Mella anos mais tarde para fundar justamente um partido comunista. Poderia Baliño dissociar a luta antiimperialista da luta de classes nos anos 20 do século XX? O encontro, se pararmos para pensar, é dos mais interessantes. E a trajetória de Baliño - do século XIX para o XX, do PRC colonial para o partido comunista na “república intervenida”, da luta nacionalista para a anticapitalista e antiimperialista -, pode ser vista como o caminho natural a ser tomado pelo radical martiano que no novo século não buscou abrigo naquela institucionalidade corrompida.

Depois de Mella e Baliño vieram Guiteras e tantos outros que buscaram por meio da luta armada dar ao povo cubano o direito de dirigir, em todos os sentidos, o próprio país. Mas o movimento revolucionário que coroou com a vitória essa longa tradição sublevacionista e revolucionária foi o 26 de Julho, encabeçado por Fidel Castro, em janeiro de 1959. E quem executou as tarefas históricas pendentes desde o nascimento do nacionalismo cubano foi o núcleo duro desse movimento, ainda comandado por Fidel. A parte que se refere ao período de 1959 a 1963 é, na minha opinião, a mais pulsante do livro: trata do início de um processo efetivamente revolucionário que perdura até hoje apesar dos revezes - e que, apesar dos erros, deve ser sempre lembrado e celebrado.

E celebremos divulgando este processo e este estudo, com a ajuda do qual chegamos a uma conclusão importantíssima: de que se a Revolução Cubana tem algo a nos ensinar, é que para realizarmos o nosso processo de ruptura, que há de dar conta de problemas forjados no desenrolar de nossa história, devemos estudar atentamente as nossas contradições e idiosincrasias sem perder de vista que é preciso ser radical e firme para ser revolucionário.